

Entre Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes: aspectos da formação de uma sociologia no Brasil

Marcelo Augusto Totti

Como citar: TOTTI, Marcelo Augusto. Entre Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes: aspectos da formação de uma sociologia no Brasil. *In* : TOTTI, Marcelo Augusto (org.). **100 anos de Florestan Fernandes** : legado de ciência e militância. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 107-124. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-298-7.p107-124>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

ENTRE GUERREIRO RAMOS E FLORESTAN FERNANDES: ASPECTOS DA FORMAÇÃO DE UMA SOCIOLOGIA NO BRASIL

Marcelo Augusto Totti

Nos cursos ao qual ministro na Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília, um deles é história do pensamento social brasileiro, um dos autores estudado é Guerreiro Ramos, faço questão de retomar o pensamento de Guerreiro Ramos para entendermos a formação das ciências sociais brasileira a partir desse contraponto com a escola de sociologia paulista e com Florestan Fernandes.

Essa perspectiva analítica não é muito usual nas ciências sociais brasileiras e muito menos na sociologia, há uma prevalência muito forte da discussão em torno da vertente uspiana. Colocar a discussão sobre o ISEB em um evento comemorativo dos 100 de Florestan é muito singular, os eventos que acompanhei sobre o centenário do sociólogo uspiano falaram pouco ou quase sobre o debate com o ISEB, o que entendo ser fundamental importância para estabelecer um contraponto

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-298-7.p107-124>

crítico e histórico. Assim, gostaria de começar com duas frases, a primeira de Renato Ortiz em artigo publicado na Revista Brasileira de Ciências Sociais, onde discute o que denomina como as ciências sociais e a diversidade de sotaques, argumenta que:

[...] o pensamento latino-americano subdividia-se, portanto, em unidades menores: brasileiro, mexicano, argentino, chileno. A história das ciências sociais é narrada no plural, não no singular: sociologia brasileira, sociologia peruana, sociologia mexicana etc. Aspecto que acirra a contradição entre o autóctone e o estrangeiro, pois toda identidade contém uma dupla face: ela delimita um espaço interior (moradia da autenticidade) e o separa do que lhe seria estranho. (ORTIZ, 2012, p. 18).

Continua Ortiz (2012, p. 18, grifos do autor) “[...] a rigor não faria sentido falar na existência de um pensamento francês ou alemão, para Durkheim e Weber, seriam universais, Parsons tampouco poderia ser identificado como norte-americano, ele era o autor de *A estrutura da ação social*.” Esse é o debate que coloca em campos opostos, de um lado o Florestan Fernandes apontando a perspectiva dos métodos universais da ciência e Guerreiro Ramos, que vai defender uma sociologia de caráter nacional. No interior dessa contenda que foi criada os rumos e o caráter da formação da sociologia no Brasil.

Ainda no interior desse debate cito a segunda frase de autoria de Gabriel Cohn na abertura do III Congresso Brasileiro de Sociologia, ocorrido em Brasília, em 1987, quando classificou a ácida e polêmica contenda entre Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes “en passant como ‘diálogo de surdos’” (MATOS, 1997, p. 149). pois ambos estavam corretos visto que no fundo versavam sobre questões aparentemente distintas. Aliás, Gabriel Cohn é muito bom em produzir frases de efeitos, uma delas está no livro organizado pela Maria Angela D’Incao, oriundo da 1ª Jornada de Ciências Sociais da Unesp, que se realizou no Campus de Marília em 1986, em capítulo intitulado “O ecletismo bem temperado”, destinado a analisar as relações entre sociologia e antropologia no pensamento de Florestan Fernandes, destaca que para o sociólogo uspiano os procedimentos

metodológicos se sobrepõe a questão analítica: “Em Florestan o que importa fundamentalmente são os procedimentos de análise da realidade, os modos de enfrentar a realidade pela via do pensamento analítico. Interessa mais a ordem dos procedimentos para se dar conta da realidade do que a ordem dos conceitos na teoria internamente consistente.” (COHN, 1987, p. 49) o que levaria a um “ecletismo bem temperado” não simplesmente “relativizador” nem atomizador dos procedimentos analíticos (COHN, 1987, p. 50).

Feito esse preambulo inicial, é importante retomar o contexto do debate acadêmico nos anos 1950 e 1960 ao qual Florestan é figura central, como também, o debate travado com Guerreiro Ramos. Em 1949, Florestan Fernandes já havia defendido e publicado a dissertação de mestrado *A organização social dos tupinambás*, que teve uma enorme repercussão acadêmica, levando um antropólogo de relevo como Lévi-Strauss a classificá-la como uma obra que havia revolucionado a antropologia. A importância dessa obra é tão significativa ao contexto intelectual brasileiro e seu início, que Antonio Candido em conversa com o próprio dimensiona o impacto da publicação: “Florestan, vendo o seu trabalho a gente não tem inveja dos ingleses. Agora temos um livro para mostrar.” (CANDIDO, 1978 apud FERNANDES, 1978, p. 85).

O trabalho desenvolvido por Florestan sobre os tupinambás era muito incomum aos padrões da sociologia da época, ele reconstruiu a organização dos tupinambás, povo que havia sido extinto no século XVIII, através da utilização rigorosa de métodos científicos e “[...] materiais utilizados pelos paleontólogos, biólogos e antropólogos que estudavam aspectos particulares dela.” (CERQUEIRA, 2004, p. 48). A idade do autor também chama atenção, vinte e sete anos, Antonio Candido chega a chamá-lo de maluco, porque as dificuldades de realizar um trabalho de linhagem estrutural-funcionalista que dada as características dos trabalhos desenvolvidos no período com povos indígenas requeria uma perspectiva etnográfica.

Esse trabalho tem como premissa um rigoroso e extenso labor metodológico, que dá a Florestan Fernandes as credenciais necessárias para novos desafios de forma aprofundada, com referencial teórico consolidado

e maturidade na elaboração do chamado artesanato sociológico, de um trabalho de comunidade com reconstrução de uma sociedade a partir de relatos de viajantes, cronistas e documentos do período e para o trabalho de doutoramento com dados mais sensíveis e pertinentes ao desenvolvimento científico. Assim, abre-se uma nova etapa na carreira sociólogo,

[...] a monografia sobre *A Função Social da Guerra* na sociedade tupinambá tinha outra significação teórica, em si mesma e para mim. Foi a primeira tentativa que fiz de ‘sair do chinelo’ e de enfrentar o trabalho de elaboração teórica propriamente dito. A teoria que estava em jogo era a teoria da solidariedade coletiva nas sociedades tribais. E é em alguma coisa que eu poderia fazer depois de ter contemplado um trabalho de reconstrução pura e simples, como no livro anterior. Quem leu os dois livros vai nota que eu avanço muito mais no segundo, porque a reconstrução está estabelecida. (FERNANDES, 1978, p. 87, grifos do autor).

O trabalho de mestrado oferece os alicerces necessários para realizar uma sistematização teórica muito mais condensada e densa para uma contribuição científica muito mais sistemática à sociologia brasileira. Esse trabalho ele foi duramente criticado por vários setores da intelectualidade, muitos deles do campo da esquerda em função do seu caráter funcionalista, ao qual o próprio autor questiona “[...] foi o trabalho mais rigoroso que eu realizei, embora hoje ele pareça um trabalho menos importante porque hoje se condena de maneira preconceituosa e dogmática toda a espécie de análise funcionalista. Todavia, eu duvido que alguém possa tratar as relações sincrônicas de uma perspectiva dialética.” (FERNANDES, 1978, p. 85).

Para ele, esse livro teve a maior contribuição teórica e de rigor que já realizou, justamente por isso considera essas críticas como infundadas, visto que o sociólogo uspiano avalia esse trabalho como um trabalho sincrônico que é uma análise interpretativa e analítica de um sistema de regularidade concreta do tempo e na vida da sociedade tribal, que buscava-se renovar incessante na busca do seu passado. Uma análise que não poderia ser realizada pela perspectiva dialética, visto que não se buscava considerar a mudança no tempo, pois sua intenção não era estudar a transformação

daquela sociedade, e muito menos o processo de transformação dentro de uma totalidade, ali procurou fazer como a sociedade recupera o seu passado de maneira incessante para inclusive renovar-se, essa renovação ocorria mantendo suas bases estruturais. então, o fluxo da vida social une, perpetua e se renova a partir de um padrão estático de equilíbrio de personalidade, de economia, da sociedade e da cultura.

Florestan Fernandes buscava então entender as formas culturais do passado recuperadas na vida indígena no presente, não para negar essas realidades atuais, mas sim como fonte de inovação e modernização, “[...] onde ele estabeleceu a relação entre a análise funcional e marxista ... houve uma certa relação entre funcionalismo e marxismo que muito anos depois se tornou uma coisa, talvez, impensável, mas que existiu não só no Brasil, mas também em outros países.” (MARTINS, 1987, p. 55). Hermínio Martins refere-se a escola de antropologia de Manchester dirigida por Max Gluckman, que apesar de se considerar funcionalista bebia de fontes de marxista e tinha entre seus integrantes inúmeros marxistas, muitos deles membros do Partido Comunista Britânico.

A defesa do doutorado rendeu a Florestan Fernandes reconhecimento acadêmico e um prestígio ímpar, ainda em sua fase de elaboração, ocorreu o convite de Roger Bastide para participar de uma pesquisa encomendada pela Unesco sobre as relações raciais no Brasil. Roger Bastide, já tinha uma carreira consolidada e era um sociólogo respeitado quando convidava Florestan a participar dessa pesquisa. Florestan recusa convite várias vezes, pois estava atarefado com sua tese, até que um determinado dia e isso pesou fortemente na decisão de Florestan, pois Florestan foi durante 4 anos aluno de Roger Bastide¹, depois de muita insistência de Bastide e ao “[...] ao sair da sala em que conversávamos e, no vão da porta, me perguntou: ‘o senhor não aceita só escrever? eu colho os dados para o senhor.’” (FERNANDES,

¹ A relação com Roger Bastide chegou a render certos embaraços para Florestan: “Diz respeito à minha transferência da cadeira de sociologia II para a de sociologia I. O professor Roger Bastide, que num dado momento precisava voltar para a Europa, colocou o departamento diante do problema de que eu poderia ser a pessoa indicada que deveria ficar em seu lugar. Fernando de Azevedo não gostou da história, pois foi uma interferência direta, em público, na estrutura da cadeira de sociologia II. Ele não perdia grande coisa mas, de qualquer maneira, queria ser o autor da iniciativa. Roger Bastide, que era uma espécie de santo em matéria de inocência e em outros aspectos, não teve o cuidado de verificar como uma transferência dessas envolvia uma negociação complicada. O fato é que comecei a trabalhar nas duas cadeiras, cheguei a dar catorze aulas por semana.” (FERNANDES, 1995, p. 195-196).

1978, p. 94). Evidente que Florestan Fernandes ficaria estremecido com tal atitude, Bastide foi o grande professor e mestre, aquele com quem já tinha trabalhado sobre o folclore e havia reconhecido o potencial do jovem Florestan, “[...] tão comovido, que saíram lágrimas dos meus olhos. Aí eu me levantei e lhe respondi: ‘está bem o senhor venceu.’” (FERNANDES, 1978, p. 94). O reconhecimento do mestre e grande sociólogo falou mais forte do acúmulo de tarefas e trabalho que teria pela frente.

O aceite para realizar a pesquisa não significava um caminho sem obstáculos, apesar do financiamento e interesse da Unesco, as condições para a realização da pesquisa eram extremamente precárias. A Unesco havia oferecido um aporte de apenas \$1000, o que era algo ínfimo na época para realizar uma pesquisa de grande porte, e havia também uma visão da Unesco ao financiar a pesquisa de que as relações raciais no Brasil eram menos conflituosas, mais harmoniosas, a miscigenação causaria uma certa ausência de segregação mais forte como a experiência norte-americana, o que gerava contornos de que os conflitos sociais não eram tão intensos e essa características brasileira mereceria ser estudada mais de perto.

Foi nesse espírito que se deu o convite da Unesco a Roger Bastide, adicionado o complicador dos recursos parcos, Florestan e Bastide decidem pagar a Renato Jardim Moreira e a Lúcia Herman para serem assistentes na pesquisa fazendo a coleta dos dados e foram remunerados recebendo \$1000, cada um. recebendo \$500. Essa pesquisa teve um caráter muito inovador para a sociologia brasileira, o trabalho realizado foi intenso, com reuniões coletivas constante com as principais lideranças negras da cidade de São Paulo e de pesquisadores da universidade. Os pesquisadores levaram a população negra para dentro da universidade, não como mero objeto de pesquisa, mas como sujeito e partícipe do processo de elaboração dos questionários onde as lideranças negras formavam comissões e discutiam os resultados a cada 15 dias, os questionários e entrevistas eram padronizados.

De outro lado, havia uma perspectiva bastante realçada por Roger Bastide que era de realçar o elemento aleatório nas colegas e nas amostras técnicas, pois cada situação ocasional que envolvesse uma relação entre negros e brancos deveria ser abordada como uma observação etnográfica e coleta de campo, isso poderia ocorrer durante um passeio, corridas de

táxi, viagens de ônibus como se fossem coletas instantâneas das relações sociais em plena vida cotidiana². A pesquisa chega a resultados bastante promissores sobre as relações raciais na cidade de São Paulo, contrariando as premissas vislumbradas pela Unesco, que apesar das diferenças com o racismo norte-americano³ mantinha os resquícios no período escravocrata e que o preconceito se manifestava fundamentalmente na estrutura social, criando uma barreira segregadora do preconceito de cor mantida pelo poder senhoril. Ao chegar nessas conclusões, além de contrariar as teses da Unesco também questionava toda uma tradição que se vinha até então racista e arianizantes como de um Oliveira Vianna e de nascer especial com as relações raciais “harmoniosas” em Gilberto Freyre,

Após esse trabalho, Florestan assume a cadeira de sociologia 1 e começa a impor um estilo de pesquisa com enorme rigor científico e metodológico baseado em fundamentos empíricos e com um grupo de pesquisadores dedicados a remodelar as bases da sociologia brasileira e formar o que foi denominada na literatura da chamada escola de sociologia paulista. Aliás, a utilização do termo escola de sociologia paulista não foi bem aceito pelo próprio Florestan, porque ele não acreditava que o que construiu na Universidade de São Paulo não chegou aos moldes de uma escola com um legado como a escola de Chicago. Entendo ser importante utilizar essa denominação em virtude dos trabalhos coletivos realizados e da importância que tiveram nas formulações de investigações e nos modelos que norteavam suas pesquisas e suas interpretações sociológicas sobre o Brasil.

Contudo, a denominação escola de sociologia paulista certamente ganha relevo pelas polêmicas travadas com o sociólogo baiano Alberto Guerreiro Ramos e a disputa travada com o ISEB. As polêmicas entre ambos ocorreram de forma mais acirrada em dois eventos fundamentais

² As críticas do ponto de vista metodológico foram observadas pelo sociólogo Levy Cruz que chegou a questionar os resultados apresentados, visto a falta de rigor metodológico: O uso de amostras intencionais e assistemáticas, privilegiando informações prestadas por famílias tradicionais e por estrangeiros e descendentes; o trabalho de campo baseado principalmente em conversas informais em circunstâncias aleatórias; e a análise dos dados, sem uma organização adequada dos mesmos e sem os testes necessários, levaram a amostras com vieses que põem em cheque a representatividade dos resultados referentes ao universo pesquisado (CRUZ, 2006, p. 69).

³ A referência ao racismo nos Estados Unidos da América é importante, pois baseado nesse modelo de segregação racial que a Unesco se interessa no caso brasileiro vislumbrando aqui uma suposta “democracia racial”.

ISEB, que é o segundo congresso latino-americano de sociologia em 1953 na cidade de São Paulo⁴. Nesse evento, pensando em uma sociologia como um dos alavancos do seu desenvolvimento nacional, Guerreiro Ramos defendia uma sociologia fosse ligada aos interesses nacionais e de melhoria das condições de vida do povo, não à toa que um dos temas fundamentais para a sociologia deveria ser a industrialização: “[...] compreender que a melhoria das condições de vida das populações latino-americanas está condicionada à industrialização.” (RAMOS, 1995, p. 148). Assim, a industrialização deveria ser uma categoria sociológica.

Observo que ao levantar tais questões e enfrentá-las passando por enxergar os problemas mediante as estruturas nacionais e regionais dos países latino-americanos, Guerreiro Ramos propõe uma sociologia de caráter particularista, não que o que o sociólogo baiano negasse as determinações universais da ciência, mas entendia que elas tinham que se adaptar à realidade nacional e regional e pensava fundamentalmente uma sociologia de redenção nacional. Ao adotar tal posição, concordo com o termo utilizado por Caio Navarro de Toledo de que o Guerreiro Ramos faz uma sociologia com uma perspectiva engajada. Retomando o congresso latinoamericano de sociologia, o isebeiano apresentou 7 teses que procuravam redimensionar o estilo dos métodos e técnicas de se fazer sociologia em nosso continente, dentre elas que a sociologia devia focar os problemas sociais de acordo com suas estruturas nacionais e regionais, seria desaconselhável aplicar recursos nas práticas e pesquisas sobre minudências da vida social, o refinamento da sociologia decorrem das estruturas nacionais e regionais, os métodos e procedimentos nos países latino-americanos devem estar incorporados com os seus respectivos recursos de ordem econômica adjuntos de técnicos com nível cultural comum respectivo de suas populações.

Além dessas proposições de cunho metodológico, o trabalho sociológico deveria ter em vista a melhoria das condições de vida atrelado ao desenvolvimento industrial e a organização do ensino de sociologia deve obedecer ao propósito fundamental de contribuir para emancipação cultural dos discente, todas as “[...] teses foram ruidosamente desaprovadas,

⁴ Sobre a formação do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) uma leitura importante é de um de seus fundadores Nelson Werneck Sodré (1977).

por 22 votos contra 9, com o agravante ainda de o autor deste estudo ter sido francamente agredido com demonstrações de ódio e despreço por um dos seus opositores.” (RAMOS, 1995, p. 106).

A menção que Guerreiro Ramos faz quanto ao ódio e despreço é refere-se a Florestan Fernandes, que rebate as teses do isebianos com os seguintes argumentos:

[...] as ideias defendidas por guerreiro ramos e mario lins ilustram com vigor típicos essas duas orientações extremas ora ideal nível conhecido, nesse caso, primeiro, os sociólogos brasileiros precisam associar suas questões teóricas a investigação de fenômenos sociais que ocorrem na sociedade brasileira, segundo eles não devem esquecer-se ao realizar tais trabalhos que precisam contribuir tanto para o conhecimento sociológico do brasil quanto para o progresso da sociologia como ciência. (FERNANDES, 1958, p. 213).

O argumento de Florestan está voltado a dizer que o trabalho de Guerreiro Ramos e Mário Lins não são oriundos de uma sociologia científica, pois se amparavam em autores e teses consideradas por Florestan Fernandes como pré-científicos. Guerreiro Ramos rebaterá tal tese no prefácio da segunda edição da *Redução Sociológica*

[...] o bovarismo é uma espécie de personalidade, o significado é outra falácia que incorre o senhor Florestan Fernandes. Consiste em extremar a distância entre o mundo dos sociólogos e o dos ‘leigos’, ao ponto de considerá-los cindidos, o que, obviamente é falso. O Sr. Florestan Fernandes reitera, repisa a distinção entre o cientista e o ‘leigo’, e parece considerá-la como ideal. Considera ‘o cientista como participantes de um cosmos cultural autônomo’ e afirma que ‘o sistema científico pode ser entendido ontologicamente como uma subcultura’. Nas condições atuais da civilização existe, de fato, essa distância que, até certo ponto é necessária, mas o saber científico e em particular o sociológico só é largamente privilégio de círculos restritos por conta de condições históricas que limitam acesso das massas ou dos leigos à cultura. (RAMOS, 1996, p. 27).

A resposta de Guerreiro Ramos centra-se na necessidade de massificação ou nas palavras do autor de “vulgarização” da sociologia, para ele a sociologia se volatizará caminhando para um processo global de conhecimento diminuindo a distância entre cidadão comum e cientista ou como ingrediente comum da conduta dos cidadãos, o que na visão de Guerreiro escandalizaria o “aristocratismo do professor paulista” (idem). E continua o sociólogo baiano:

O professor paulista é ideólogo de uma sociologia insustentável, que nunca existiu, não existe, nunca existirá. A sociologia não é exterior à sociedade global. Pode, é certo, transcender a conduta vulgar, mas dentro dos limites prescritos pela sociedade global, à maneira de que lembrava Karl Marx, na terceira tese sobre Feurbach, quando apontava o utopismo dos pensadores do século XVIII, que queriam educar os outros, esquecendo-se que o ‘educador também deve ser educado’ e que, só no mundo das quimeras, a sociedade está dividida em duas partes, uma muito acima da outra. (RAMOS, 1996, p. 28).

Talvez Florestan Fernandes não fosse um inimigo e atuasse contrariamente a democratização da cultura e do conhecimento, pelo contrário, em texto dos anos 1950 e na campanha em defesa da escola pública o “professor paulista” das palavras de Guerreiro Ramos defendeu a democratização dos conhecimentos científicos.

As duras críticas as teses apresentadas por guerreiro ramos, em que ele salienta que levantar a sociologia a patamares pré-científicos, retrocedendo em termos metodológicos e científicos a adoção de estudos genéricos, o que do ponto de vista metodológico são evidentes as inconsistências das recomendações apresentadas pelo sociólogo baiano diante das implicações de conhecimento científico e acima de tudo ressalta a tendência de considerar as imposições, as obrigações do sociólogo, em relação ao que deve de lealdade e ao mesmo tempo que deve negligenciar as obrigações dele, relacionadas com o sistema de normas e de valores do saber científico.

Essa tendência oculta-se em uma formidável falácia, a contenda entre ambos estava longe de ser apaziguada e estava relacionada a

parâmetros aos quais a sociologia enquanto ciência deveria seguir, adotar modelos metodológicos de caráter universal que dessem conta de aplicação de técnicas e modelos científicos em diferentes estruturas sociais, ou modelo de caráter nacional que abrangesse as necessidades de determinada estrutura social nacional e regional: esse era o grande dilema! Florestan não descartava a necessidade dos estudos sociológicos focarem na realidade nacional, grande parte de sua obra foi direcionada para análise das estruturas sociais da realidade brasileira, mas lembrava que a ciência tinha procedimentos metodológicos de caráter universal, e a sociologia brasileira não seria diferente disso.

Esse debate se estende ao primeiro Congresso Brasileiro de Sociologia, no ano de 1954, realizado em conjunto com as festividades do quarto centenário da cidade de São Paulo. A temática do evento era diversa e Florestan Fernandes apresenta uma comunicação defendendo a retomada da sociologia na escola secundária, segundo o sociólogo uspiano, as sociedades necessitavam de demandas que somente as lentes das técnicas sociológicas poderiam fornecer. Além disso, a escola contaria com instrumentos e conhecimentos científicos para dar cabo a solução dos problemas sociais e educacionais que estariam mais adiantados em outros países.

Florestan coloca o sociólogo, o cientista social, como um intelectual nos termos manheimianos⁵, a ciência deveria indicar os caminhos de uma mudança cultural provocada. Em outro texto apresentado no congresso internacional de relações internacionais, Florestan coloca a sociologia dentro de um espectro específico das relações internacionais, sendo ela e o sociólogo fundamentais na resolução dos conflitos internacionais, fazendo da sociologia quase que uma profissão de fé.

O texto da introdução da sociologia na escola secundária não foge muito desse viés, ali argumenta-se que o ensino secundário no Brasil preenchia funções estáticas, tinha um caráter meramente auxiliar independentemente do restante do sistema de ensino, e não um papel de uma educação dinâmica, que poderia vir a ser alcançada com o ensino

⁵ Para uma melhor apreensão desse debate, observar o texto de Cepêda; Mazucato (2015).

de sociologia “[...] a ideia de introduzir inovações no currículo da escola secundária, ganha outra significação quando examinada a luz da influência construtiva da educação pelas ciências sociais em um país de informação como o Brasil.” (FERNANDES, 1955, p. 105).

Ao observar os textos de Florestan Fernandes em especial mudanças sociais no Brasil a ênfase é a perspectiva de transformação da sociedade brasileira dentro de uma ampliação da democracia e dos princípios de um processo de revolução burguesa em curso nos anos 1950 com conquista à melhoria das condições de vida da população e a educação teria um elemento de fator modernizantes versus uma mentalidade atrasada ainda em vigor:

A argumentação desenrolada tenta mostrar que um dos fatores que prejudicam o desenvolvimento da democracia no Brasil é a persistência de uma mentalidade política arcaica, inadequada para promover ajustamentos dinâmicos não só a situações que se alteram socialmente, mas que estão em fluxo contínuo no presente. A contribuição que a educação sistemática pode oferecer para alterar semelhante mentalidade, exprime, naturalmente, as tarefas políticas que ela pode preencher em uma esfera neutra. (FERNANDES, 2008, p. 112).

Em carta a Barbara Freitag, anos mais tarde reafirma sua posição.

Até Trotsky, o mais radical dos socialistas revolucionários, sabia que a revolução burguesa não constitui um “episódio histórico” e que ela se atrasa (aliás, sua “lei do desenvolvimento desigual e ampliado” poderia ser aplicada ao tema fora do contexto russo). Por aqui, parece que pensam que já não existe burguesia e que a dominação que nos sujeita é puramente astral. Tão pouco entendem que o processo descrito teria de ocorrer de modo muito diverso. A burguesia que retarda ou que não completa a revolução nacional precisa, naturalmente, usar o Estado Nacional para se fortalecer e se privilegiar. Mas o que fazer? Preciso munir-me de muita paciência para suportar, ao lado da marginalização, uma incompreensão generalizada. (FERNANDES, 1996, p. 159).

Retornando a Guerreiro Ramos, apesar de considerar importante a divulgação dos estudos sociológicos na escola secundária, questiona as condições de oferecimento dessa disciplina diante da realidade brasileira. Na visão do sociólogo baiano ocorria uma alienação da sociologia brasileira frente à realidade nacional, tanto na formação como na metodologia e os manuais estariam atrelados aos pressupostos teóricos estrangeiros, o que levou Guerreiro Ramos a classificar a sociologia brasileira como uma sociologia enlatada.

Os manuais aos quais o autor se refere estavam embebidos de autores estrangeiros e não conseguiam fazer uma mediação com a realidade nacional, o que para Guerreiro “[...] apenas dois brasileiros podiam ser considerados sociólogos sistemáticos originais, capazes de transmitir a discentes uma visão sociológica amadurecida e de primeira mão: Oliveira Viana e Pontes de Miranda.” (RAMOS, 1995, p. 124). Oliveira Viana, apesar das críticas as bases metodológicas que partiu, contribuiu de modo decisivo para uma análise sociológica do povo brasileiro, para uma mudança em termos sistemáticos, sendo na sua avaliação um dos primeiros sociólogos comprometidos com e dedicados a entender nossa realidade. Pontes de Miranda foi o autor do compêndio de maior magnitude teórica e autonomia intelectual no Brasil .

Desse modo, defendia que o ensino de sociologia devolva ao educando sua capacidade de autonomia e de assessoramento das forças particulares da sociedade em que vive, o ensino da sociologia não deve distrair educando da tarefa essencial, de promoção da autarquia do seu país.

O I Congresso Brasileiro de Sociologia além de aprovar a introdução da sociologia como disciplina regular no ensino secundário, colocou a comunicação de Florestan Fernandes como uma referência para posteriores inquéritos e estudos para as seções estaduais da Sociedade Brasileira de Sociologia e como documento dos sociólogos brasileiros a ser encaminhado para a Câmara dos Deputados para providências quanto à inclusão da sociologia como disciplina regular de ensino médio.

Fruto dessa polêmica com Guerreiro, Florestan Fernandes publica o texto Padrão científico dos sociólogos brasileiros como um dos capítulos

do livros *A etnologia e a sociologia no Brasil*. Outro texto secular nessa discussão é *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*, nele o sociólogo uspiano vai definir o que são as instâncias empírico-indutivas e defender que as instâncias empíricas reproduzem fatos ou fenômenos sociais e que a realidade não é uma mera apreensão imediata, há uma necessidade de descrição e explicação científica dessa realidade, que será reproduzida fundamentalmente em totalidades.

Todos esses procedimentos são universais e as ciências da observação não são fontes fundamentais para as ciências sociais, nesse processo de observação da realidade a partir dos dados empíricos, que Florestan vai defender os fundamentos metodológicos da sociologia. Tendo como base esses elementos, a sociologia de Florestan utilizará dados estatísticos como elementos empíricos.

Guerreiro Ramos não questionará a validade dos dados empíricos, criticará o que denomina de uma “ortodoxia metodológica”, o que em sua ótica não haveria uma ortodoxia em pesquisa. Para ele, não haveria necessidade de adaptar os métodos e técnicas com refinamento e exigências de precisão científicas em países com poucas estruturas e condições de pesquisas. A metodologia sociológica deve decorrer do nível de desenvolvimento das estruturas nacionais e regionais, assim nos países de subdesenvolvidos “[...] a precisão é secundária em nosso meio, como porque é até impossível atingir o refinamento em pauta, tendo em vista as deficiências do nosso aparelho estatístico, as condições culturais das populações brasileiras e ainda as disponibilidades financeiras do Estado.” (RAMOS, 1995, p. 154).

Para sustentar sua tese, Guerreiro cita como exemplos os índices de mortalidade infantil dos países latino-americanos e os compara com os países europeus, via de regra mais baixos que os países latinos. Contudo, segundo Guerreiro estudos de especialistas europeus salientam que o nascimento de uma criança inicia-se na fase de gestação, o que revelaria problemas de ordem endógena oriunda de problemas de traumatismo no nascimentos entre outros, mas também, de ordem exógena concernente a fatores ambientes e socioculturais de cada região e país. Por isso, tais instrumentos metodológicos devem se ater a realidade das estruturas

nacionais e regionais, e o pesquisador deve ter conhecimento da realidade, caso contrário é o sociólogo encarará uma alienação da realidade.

Dessa contenta que marcou a sociologia brasileira e relega aos tempos áureos de nossa formação, ficaria com as palavras de Bariani Junior (2012, p. 78) que definiu muito bem essa disputa:

Eruditos, intelectuais públicos, de brilho incomum. Oponentes e talvez complementares, senão paradigmáticos ao menos significativamente únicos. Dois ‘weberianos’ e manheimianos particulares, ecléticos na aparência, de uma originalidade sem preconceitos; ambos exilados, engajados e eleitos deputados: dois inconformistas, radicais – cada qual a seu modo. A sociologia – para eles – era muito mais que uma disciplina, a ela dedicaram suas vidas, mas ambos projetos ‘fracassaram’: nem autonomia, nem revolução, nem paixão, nem sociologia nacional, o que os sucedeu foi a tecnologia do controle social como profissionalização do saber, agora como intervenção racional e rebeldia política ou forma por excelência de conscientização social, mas como ocupação universitária e inserção institucional.

Ao definir como momento “heroico” de nossa sociologia, Bariani Junior (2012) dá os devidos contornos do que significou esse debate em uma conjuntura favorável as mudanças sociais vivenciadas no país. Como não foram apenas caminhos tranquilos, poderíamos qualificar um dos fatores do denominado “fracasso”, que reposicionaria como algo desalentador aos projetos de Florestan Fernandes foi a criação do grupo do Capital ou “Grupo Marx”, que teve a intensa participação de seus assistentes.

O grupo criado inicialmente por José Arthur Giannotti que havia voltado da França e participado do grupo “Socialismo ou barbárie” era uma corrente crítica ao marxismo soviético. O grupo de estudos formado por jovens intelectuais muitos deles em busca de afirmação e de inserção no debate universitário brasileiro através de materialismo dialético em oposição ao estrutural-funcionalismo herdado da formação francesa. O fato inusitado é que o grupo do capital contava com vários assistentes de Florestan e nem por isso que acharam na obrigação de convidar o mestre. Segundo um de seus membros, Fernando Henrique Cardoso

“[...] ele pertencia a outra geração. E acrescentou “ele não era marxista.” (CARDOSO, [19–] apud SOARES, 1997, p. 60) ou que seu marxismo era demasiadamente técnico. De fundo havia o caráter inibidor do professor catedrático que impunha Florestan Fernandes. Em que pese tal afirmativa sobre o marxismo do Florestan, havia uma premissa da chamada escola de sociologia paulista de que o método dependeria da escolha do objeto de sua análise, conforme já trabalhamos no decorrer desse texto. Não obstante a criação do grupo do capital, há toda uma mudança conjuntural e social do país que necessariamente fizeram que Florestan Fernandes observasse essa nova realidade e a conjuntura política e social do país com maior radicalidade e desse maior ênfase em seus estudos ao materialismo histórico.

Essa retomada já pode ser observada em sua tese de livre docência para o concurso de cátedra, *A integração do negro na sociedade de classes* e a na campanha de defesa da escola pública em 1959. Ela teve contornos também bem especiais, visto o projeto substitutivo do deputado udenista Carlos Lacerda previa que o Estado não poderia exercer o monopólio educacional, sendo também dever da família desempenhar o seu papel educativo optando entre o ensino público e o privado. com isso os recursos estatais também deveriam ser destinados as escolas privadas na mesma proporção que o investimento estatal.

Outro fator que entendo ser importante é o papel que a sociologia deveria empenhar enquanto uma ciência aplicada, aos moldes manheinianos, foi o momento de encarar a sociologia como uma ciência capaz de intervir na sociedade através dos instrumentos teóricos. Para isso, Florestan mobilizou toda a cadeira de sociologia 1 com assistentes e demais colaboradores da Universidade São Paulo e travou uma batalha na sociedade civil contrariamente aos ideais privatistas do deputado Carlos Lacerda e da Igreja Católica. Foram realizados inúmeros debates, palestras, com setores da elite paulista ligadas ao jornal Estado de São Paulo. As relações com os movimentos sociais também foram intensas, com inúmeras conferências com setores operários, líderes sindicais de diversos setores perfazendo uma inflexão da universidade indo ao povo: “como intelectual aproveitei muito e principalmente descobri que a sociologia precisa responder as expectativas que não devem nascer dos donos do poder, mas sim de critérios nacionais

da reforma, que levem em conta a nação como um todo, ou das pressões históricas dos grupos inconformistas”.

A educação popular seria o elemento definidor da diminuição das desigualdades sociais no país, o Estado educador somente se efetivaria dentro um estado democrático na realidade brasileira. Florestan via na educação e na campanha um elemento impulsionador da cidadania civil e política, derivada das mudanças sociais necessárias no país. Em sua ótica, uma sociedade mais democrática e mais equitativa passava por reformas que abrangeria não só educação, mas outras reformas e a partir daí que o Florestan começa a desenvolver as suas teses que são a revolução dentro da ordem e contra ordem.

REFERÊNCIAS

- BARIANI JUNIOR, Edison. *A sociologia no Brasil: uma batalha, duas trajetórias* (Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos). Curitiba: Editora CRV, 2012.
- CERQUEIRA, Laurez. *Florestan Fernandes: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- CEPÊDA, Vera Alves; MAZUCATO, Thiago. Ciência, intelectuais e democracia no centro e na periferia: o diálogo teórico entre Karl Mannheim e Florestan Fernandes. *In: CEPÊDA, Vera Alves; MAZUCATO, Thiago. (org.) Florestan Fernandes, 20 anos depois: um exercício de memória*. São Carlos: Ideias Intelectuais e Instituições: UFSCar, 2015. p. 65-86.
- CRUZ, Levy. Roger Bastide e a pesquisa da Unesco em São Paulo: introdução a uma crítica. *Estudos de Sociologia*, Pernambuco, v. 12, n. 2, p. 69-95, 2006.
- FERNANDES, Florestan. O ensino de sociologia na escola secundária brasileira. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA*, 1., 1954, São Paulo. *Anais [...]*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Sociologia, 1955. p. 80-106.
- FERNANDES, Florestan. *A etnologia e a sociologia no Brasil*. São Paulo: Anhembi, 1958.
- FERNANDES, Florestan. *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- FERNANDES, Florestan. *A contestação necessária: retratos de intelectuais e inconformistas e revolucionários*. São Paulo: Ática, 1995
- FERNANDES, Florestan. Florestan Fernandes por ele mesmo. *In: FREITAG, Bárbara*, São Paulo: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 10, n. 26, p. 129-172, 1996.

- FERNANDES, Florestan. *Mudanças Sociais no Brasil*. São Paulo: Global, 2008.
- MARTINS, Hermínio. A totalidade fora de lugar. In: D'INCAO, Maria Angela. *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Ed. da Unesp, 1987. p. 54-62.
- MATOS, Bráulio Tarcisio Pôrto de. Diálogo de surdos: academia e política na trajetória de Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 3, n. 3-4, p. 149-172, 1997. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc.v3i3-4.2655>. Acesso em: 26 jan. 2020.
- ORTIZ, Renato. As Ciências Sociais e a diversidade dos sotaques. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 27, n. 78, p. 7-24, fev. 2012.
- RAMOS, A. G. *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- RAMOS, A. G. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996.
- SOARES, Eliane Veras. *Florestan Fernandes: o militante solitário*. São Paulo: Cortez, 1997.
- SODRÉ, Nelson Werneck. História do ISEB. *Temas de Ciências Humanas*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 101-119, 1977.